

UNIVERSIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO: NARRATIVAS SOBRE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

UNIVERSIDAD Y RELACIONES DE GÉNERO: NARRATIVAS SOBRE FEMINIDADES Y MASCULINIDADES EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

UNIVERSITY AND GENDER RELATIONS: NARRATIVES ABOUT FEMININITIES AND MASCULINITIES IN HIGHER EDUCATION



José Raimundo da SILVA JÚNIOR¹
e-mail: jose.raimundojr@upe.br



Fernando da Silva CARDOSO²
e-mail: fernando.cardoso@upe.br



Mário de Faria CARVALHO³
e-mail: mario.fcarvalho@ufpe.br

Como referenciar este artigo:

SILVA JÚNIOR, J. R. da; CARDOSO, F. da S.; CARVALHO, M. de F. Universidade e relações de gênero: Narrativas sobre feminilidades e masculinidades na Educação Superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023138, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaae.v18i00.17700>



| **Submetido em:** 05/02/2023
| **Revisões requeridas em:** 02/05/2023
| **Aprovado em:** 13/06/2023
| **Publicado em:** 18/12/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina – PE – Brasil. Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE).

² Universidade de Pernambuco (UPE), Arcoverde – PE – Brasil. Docente do Departamento de Direito (UPE) e do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE). Doutorado em Direito (PUC-Rio).

³ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru – PE – Brasil. Docente do Departamento de Design e Comunicação (UFPE) e do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (UFPE). Doutorado em Ciências Sociais (UNRD, França).

RESUMO: O presente estudo problematiza as relações de gênero no Ensino Superior a partir das dicotomias entre feminilidades e masculinidades. De abordagem qualitativa, a produção das narrativas ocorreu por meio de entrevistas individuais semiestruturadas em três cursos de graduação da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina: Licenciatura Plena em Pedagogia, Licenciatura Plena em Matemática e Bacharelado em Enfermagem. Em linhas gerais, a produção de dados da pesquisa aponta para as dissonâncias e os processos de exclusão que atravessam o cotidiano institucional, o fazer docente e os currículos dos cursos estudados, no que concerne à manutenção de práticas marcadas pelo sexismo, binarismos e padrões heteronormativas na universidade. A Educação Superior, conforme as narrativas analisadas, reproduz iniquidades de gênero que têm nos modelos de feminilidade e masculinidade hegemônicos o fundamento para a manutenção de discursos e mecanismos de poder que repercutem, sobretudo, nas experiências e processos formativos de mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade. Gênero. Ensino superior. Feminilidade. Masculinidade.

RESUMEN: *El presente estudio problematiza las relaciones de género en la Enseñanza Superior a partir de las dicotomías entre feminidades y masculinidades. De abordaje cualitativo, la producción de las narrativas ocurrió a través de entrevistas individuales semiestructuradas en tres cursos de pregrado de la Universidad de Pernambuco, Campus Petrolina: Licenciatura en Pedagogía, Licenciatura en Matemática y Licenciatura en Enfermería. En términos generales, la producción de datos de la investigación apunta a las disonancias y procesos de exclusión que atraviesan el cotidiano institucional, la enseñanza y los currículos de los cursos estudiados, con relación al mantenimiento de prácticas marcadas por el sexismo, los binarismos y los patrones heteronormativos en la universidad. Según las narrativas analizadas, la Enseñanza Superior reproduce inequidades de género que tienen a los modelos hegemónicos de feminidad y masculinidad como base para el mantenimiento de discursos y mecanismos de poder que repercuten, sobre todo, en las experiencias y procesos formativos de mujeres y personas LGBTQIAP+.*

PALABRAS CLAVE: *Universidad. Género. Enseñanza superior. Feminidad. Masculinidad.*

ABSTRACT: *The present study problematizes gender relations in Higher Education from the dichotomies between femininities and masculinities. Of qualitative approach, the production of narratives occurred through semi-structured individual interviews in three undergraduate courses at the University of Pernambuco, Petrolina Campus: Full Degree in Pedagogy, Full Degree in Mathematics and Bachelor's Degree in Nursing. In general, the production of data from the research points to the dissonances and processes of exclusion that cross the institutional daily life, the teaching and the curricula of the courses studied, regarding the maintenance of practices marked by sexism, binarisms and heteronormative patterns in the university. Higher education, according to the narratives analyzed, reproduces gender inequities that have hegemonic models of femininity and masculinity as the foundation for the maintenance of discourses and power mechanisms that have repercussions, especially in the experiences and formative processes of women and LGBTQIAP+ people.*

KEYWORDS: *University. Gender. Higher education. Femininity. Masculinity.*

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as relações de gênero no ensino superior a partir das narrativas e vivências de discentes dos cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia, Licenciatura Plena em Matemática e Bacharelado em Enfermagem da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Refletimos acerca das construções sociais formuladas sobre as diversas manifestações das feminilidades e masculinidades atreladas aos respectivos cursos ou construídas nesta etapa de formação.

Assim como muitas instituições sociais, a universidade também é um espaço e mecanismo de controle e dominação das subjetividades. Práticas, quase sempre não perceptíveis em razão de discursos e narrativas, naturalizam e reforçam, especialmente, a inferioridade de mulheres e de pessoas LGBTQIAP+ e os padrões heteronormativos vistos como aceitáveis. Tais padronizações negam a diversidade e as singularidades e marginalizam e excluem, sobretudo, mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e outros grupos que dissidem aos padrões de gênero e sexualidade.

As questões de gênero que acompanham, pois, a formação educacional desde a Educação Infantil até a formação superior, ganham, nesta última, marcadores e dimensões ditas femininas e/ou masculinas. Tais atributos interferem desde a escolha da graduação, nas escolhas pessoais e nas alternativas de cada indivíduo, levando-o a ratificar, muitas vezes, a ideia de que alguns cursos condizem à posição social de homens e de mulheres (GUEDES, 2008). Isso influencia, pois, diretamente na presença de mulheres e de outras identidades LGBTQIAP+ nos espaços em questão, nos postos de trabalho e socialmente.

Não podemos afirmar que as profissões e a opção por determinados cursos de nível superior para homens e mulheres esteja diretamente ligada apenas à vocação ou preferência. Tais escolhas atravessam o contexto social, cultural, político e econômico e estão impregnadas de significados que aproximam ou distanciam ambos os sexos, mantidos no imaginário da formação social das carreiras e graduações vistas como femininas, como é o caso das formações ligadas à saúde, às humanidades, à assistência social e à educação (em cursos como Enfermagem, Serviço Social, Pedagogia, Psicologia).

O inverso ocorre nas Ciências Exatas, da Terra e nas Engenharias, áreas nas quais predomina a presença masculina e que abrangem cursos ligados às Finanças, à Administração, à Tecnologia, à Matemática e às Engenharias. São campos do saber nos quais profissionais alcançam um maior retorno financeiro que, sempre agregado ao prestígio social e ao status das profissões, o que faz com que a presença e a procura por homens sejam maiores.

A universidade é, assim, atravessada, implicitamente, pelas relações de gênero existentes na Educação Superior. Estereótipos cristalizados e relacionados às profissões escolhidas estão, pois, presentes. Para esta pesquisa, consideramos a malha de cursos superiores ofertados pela Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina, com base no argumento de que trazem consigo marcadores de gênero que influem no cotidiano de formação e para além dele. Dentre os cursos disponibilizados pela universidade, optamos por investigar aqueles que contemplam, no imaginário social, as características mencionadas, a saber: a Licenciatura em Matemática, considerada cotidianamente como um ‘curso masculino’; a Licenciatura em Pedagogia e o Bacharelado em Enfermagem, para as quais estereótipos femininos são habitualmente agregados.

Procuramos problematizar e discutir os estereótipos de gênero no sistema educacional superior e, assim, algumas indagações nos mobilizam: como as construções sociais das masculinidades e feminilidades são relacionadas, implícita e explicitamente, na educação superior? Existe um dado perfil dos(as) discentes que optam pelos cursos de Pedagogia, Matemática e Enfermagem orientado por marcadores de gênero? Como se constrói e reconstrói as masculinidades e feminilidades no cotidiano dos cursos de Pedagogia, Matemática e Enfermagem? Para tanto, os referidos questionamentos ensejaram a seguinte problemática: como as narrativas de universitários(as) expressam os estereótipos de gênero presentes no Ensino Superior, relacionados à dicotomia entre feminilidades e masculinidades? A Educação Superior é assumida enquanto um lugar propício a compreender a influência de determinados marcadores de gênero na estrutura das relações sociais que estão para além do espaço acadêmico e acompanham as profissões, as oportunidades e iniquidades cotidianas.

Percurso Metodológico

Os cursos de Licenciatura Plena em Matemática, Licenciatura Plena em Pedagogia e Bacharelado em Enfermagem da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina, foram o universo do presente estudo. Partimos do pressuposto de que a Educação não é um campo neutro, mas atravessado por aspectos sociais que diferenciam a posição de homens, mulheres e pessoas LGBTQIAP+ no interior de diferentes campos do saber, previamente delimitados, cujas linhas são definidoras de expectativas ditas femininas e masculinas.

As narrativas dos sujeitos são o caminho para a imersão e, pela importância concedida aos seus elementos substanciais, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (CARDOSO;

CARVALHO, 2018). Em outros termos, o fenômeno eleito foi apreciado de maneira não estrutural (GOMES, 2012). Não se trata apenas de um enfoque, mas de um olhar que contribui para a problematização e abrangência de falas do grupo eleito, pois as dimensões socioculturais das opiniões e das representações são o cerne da investigação.

Os participantes da pesquisa são homens, mulheres e pessoas LGBTQIAP+ que frequentam os cursos superiores de Licenciatura Plena em Pedagogia e em Matemática e o Bacharelado em Enfermagem (vespertinos e noturnos), todos ofertados no Campus Petrolina da Universidade de Pernambuco. Contaremos com a colaboração de 9 (nove) alunos(as), sendo 3 (três) de cada um dos cursos destacados, matriculados do primeiro ao sétimo período da Licenciatura em Matemática e em Pedagogia, ou do primeiro ao oitavo período, no caso do Bacharelado em Enfermagem. A anuência foi formalizada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Enquanto técnica de produção e coleta dos dados, optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas, uma vez que, neste formato, “[...] o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador; ao mesmo tempo que permite respostas livre e espontâneas do informante, [o que] valoriza a atuação do profissional” (ALMEIDA; LIMA; LIMA, 1999, p. 133). As vivências narradas pelos(as) participantes foram sistematizadas a partir de eixos temáticos na intenção de organizar os movimentos narrativos, a saber: i. representações, papéis de gênero e sexualidade; ii. discursos sobre masculinidades e feminilidades na educação superior; iii. gênero e formação superior; iv. marcadores de gênero, feminilidades e masculinidades nas universidades; v. questões de gênero e as suas dimensões sobre as feminilidades e masculinidades; vi. relações sobre as profissões e os estereótipos de gênero; vii. desigualdades de gênero e pessoas LGBTQIAP+; e, viii. não neutralização do campo acadêmico em relação as questões de gênero.

Recorremos às narrativas e aos aspectos desvelados na contação. Ainda que a teoria apareça como suporte para leitura crítica do dito, muitas vezes naturalizada pelas estruturas de poder que produzem normas condicionadoras dos gêneros, as experiências atravessadas por essas normas são o ponto de partida e o ponto de chegada das reflexões neste estudo. A escuta e a leitura das narrativas foram feitas com base em duas categorias, exploradas nas análises abaixo: 1) Masculinidades; 2) Feminilidades. Entretanto, tais marcadores estão presentes nas experiências de maneira indistinta, concomitantemente, tendo sido agrupados em categorias apenas para fins de sistematização.

Resultados e Discussões

Cotidiano, universidade e novas questões para o campo das masculinidades

Um marcador de gênero merece atenção na compreensão de como as construções sociais são produzidas e agregadas a determinados sujeitos a partir de narrativas e discursos que naturalizam as relações de poder e de domínio social na universidade. É por meio de modelos heteronormativos que se constituem as masculinidades como arquétipo a ser seguido, cuja binaridade figura como mecanismo que sustenta o patriarcado e o sexismo e que torna os homens privilegiados neste espaço (PERES, 2009; LIMA *et al.*, 2017), assim como em outras esferas da sociedade.

Nesta categoria apreendemos que as narrativas das(os) entrevistadas(os) estão relacionadas às diversas formas de masculinidades presentes em suas trajetórias particulares e que repercutem no trajeto da formação superior. O campo universitário, nos diálogos, é lido enquanto um espaço não neutro, marcado por questões de gênero e estereótipos que constroem novos sentidos sobre as masculinidades. Tais estereótipos, por sua vez, são acentuados em determinados cursos analisados e levam, por exemplo, à forte presença de elementos considerados do universo dos homens, sobretudo nos cursos que integram a área do conhecimento das Ciências Exatas, a saber, a Matemática. Partindo dessa perspectiva, ressaltamos que, mesmo que a entrevista tenha sido direcionada ao marcador ‘masculinidades’, a maioria das(os) participantes relataram inúmeros aspectos ditos ‘femininos’ para se referir ao assunto. Entendemos que a relação com figuras femininas é determinante para que possam melhor relacionar como as masculinidades atravessam as suas experiências individuais, inclusive na universidade (ZARBATO; MARTINS, 2022).

Um entrevistado explica que: “tinha meu pai e alguns tios, só que eu meio que evitava ficar com essas pessoas. Eu me sentia mais seguro e mais à vontade com o feminino” (BENTO). O desconforto atribuído por Bento à presença masculina relaciona a repressão geracional exercida por homens, uma constante na vida de muitas crianças e adolescentes que se identificam como tal. O entrevistado ainda relata que, quando pequeno, alguns acontecimentos o marcaram de forma negativa e que isso repercutiu ao longo de sua vida: “eu arrumei um emprego e só tinham homens. Era com meu vô, meus tios e meu pai, em uma oficina mecânica, me sentia acuado, não conseguia ser eu mesmo” (BENTO). Assim, as referências ao tema ‘masculinidades’, para o entrevistado, dimensionam aspectos para além da educação formal, refletem situações corriqueiras, comumente acompanhadas por micro violências.

Outro entrevistado, Paulo, diz que questionou em muitos momentos sobre o “ser homem”: “Perguntava principalmente o meu pai o que é ser homem? Por que ser o homem? Não tem sentido isso”. Esse trecho é reforçado quando também menciona: “Por que, eu nunca achei, assim que ser homem era ser macho alfa, etc. Eu sempre achei que era, uma identificação que a pessoa tinha”. Ao ressaltar a identificação como único critério para determinação dos gêneros, Paulo recupera o sentido cultural e histórico atribuído por estudiosas(os) em contraposição à lógica biológica e natural (BUTLER, 2018; MISKOLCI, 2013) que afasta o desejo e as experiências como pressuposto.

Por ser um marcador cultural (ABREU, 2017), a masculinidade é vinculada nas narrativas produzidas às relações que organizam as vivências pessoais das(os) entrevistadas(os) e, por conseguinte, a educação superior. Para além de uma leitura determinista do fenômeno, não podemos deixar de notar nas narrativas a importância das experiências vividas no processo de identificação pessoal, em especial como essas experiências abordaram de modo distorcido ou deixaram de relacionar questões relacionadas ao gênero, como descreve Miguel: “Os meus pais, eles são casados, um casal hétero. E é que, conseqüentemente, me influenciou também a ser, por conhecer e estar em contato com eles diariamente”.

Dentre as(os) entrevistadas(os), uma aluna do curso de Matemática, a respeito das masculinidades, afirma que, quando pequena, não se achava tão feminina: “eu era muito mais masculinizada, andava mais com os garotos, era mais fechadona, mesmo amando o rosa, eu nunca saía com rosa, eu era mais fechada no meu canto” (Judite). É comum, dessa forma, atribuímos comportamentos ditos ‘masculinos’ somente a meninos, sem associá-los às meninas – ou, ao menos, às meninas cis e heterossexuais. Assim, por mais que socialmente seja imposta uma expressão cultural sobre as meninas através de brinquedos, cores, brincadeiras e até narrativas sobre o que é ser mulher, nem todas se sentem pertencentes a esse universo. O trecho abaixo, presente na fala de Judite, alude a essa perspectiva:

Uma vez vi um menino no ensino médio e falei bem assim, ah, você passa e nem fala, aí ele meio que falou assim, é, mas eu falo com pessoas como você também, eu fiquei com pessoas como eu, o que ele quis dizer com isso, porque eu pensei o máximo que poderia ser ou era eu não ser muito feminino ou eu ser uma menina preta, era incompreensível, por que geralmente minhas amigas eram brancas, mais femininas e tudo mais. Aí eu fiquei meia retraída, isso foi no primeiro ano do ensino médio, fiquei meia assim, eu falei, putz, não gostei muito do que eu ouvi (JUDITE).

A fala referida à Judite possibilita diversas interpretações. A referência às amigas, ao modo de andar, o tom da voz, contrapostos ao padrão “meigo e delicado”, afirmam expressões

discursivas que, também na Educação, demarcam um outro lugar, diferente do “normal”, cuja menção geralmente é acompanhada por justificativas que reforçam a condição de subalternidade atribuída a quem o ocupa.

A concepção instituidora do ‘normal’ é alimentada por um imaginário sociocultural que afasta do território feminino as meninas que optam por brincadeiras ditas “masculinas”, assim como pela presença dos meninos em detrimento da de outras meninas. Moreno (1999) enfatiza que, para elas, os espaços e as dinâmicas associadas ao lúdico sempre foram limitadas quando comparadas aos meninos, ou seja, o uso da força, a performance heroica e aventureira são positivamente vistos como reforço à virilidade.

Outra narrativa da entrevistada Judite, e que também situa o processo de construção social de associação entre a leitura identitária feita sobre ela nas relações sociais e os comportamentos cotidianos que desviam do padrão, remete a ideia de que, para a universitária, a experiência gendrificada está para além da universidade. Esse dado também é presente na narrativa de Miguel, que afirma: “[...] pela minha personalidade, por eu ser mais contido e meu círculo de amigos ser formado mais por mulheres as pessoas acabaram tendo essa visão de eu era gay, no Ensino Médio acabou mais porque comecei a namorar”. Os comportamentos cotidianos, postos na contramão dos padrões de gênero, são dispostos como aspectos que levam ao surgimento de estereótipos (PEREIRA, 2013).

As análises feitas sobre o ‘ser-homem’, no campo da Matemática, por exemplo, contribuem e constroem imagens que refletem como tais estereótipos são reproduzidos. Todas as pessoas entrevistadas e ligadas à Licenciatura em Matemática ressaltam a quantidade de discentes homens em relação a baixa presença de mulheres. A narrativa sobre o referido ambiente não guardar relação com as mulheres repercute não apenas no cotidiano da educação superior (sobretudo quanto ao seu lugar de fala), mas também nos espaços de trabalho (SOUZA, 2016). Sobre isso, Micael ratifica: “realmente dá para perceber que as mulheres presentes no curso tendem a interagir menos com a aula”, e continua: “a grande maioria das falas das participações tendem a ser masculinas. Não sei se pela quantidade ou diferença de pessoas no curso, mas, realmente, há uma contribuição muito maior masculina do que feminina”.

Segundo Fernandes (2006), a maioria das pessoas consideram o domínio e a aplicação da Matemática difíceis e complexos, obtidos através da racionalidade, qualidade atribuída aos homens cis. Tal imaginário contribui, conforme as narrativas analisadas, significativamente, para localizar os homens no polo de privilégio do saber e, epistemologicamente, responsáveis por organizar o pensamento racional. Limitadas ao polo oposto, às mulheres estariam destinadas

ao exercício da mera intuição, marcadas pela carga emotiva. Como resultado, na universidade, é comum a presença e existência de referenciais masculinos, sendo raras às menções à importância de mulheres, principalmente quando se trata das Ciências Exatas.

Os argumentos para a grande presença de homens são mais comuns nos cursos de Exatas. As falas sistematizadas argumentam, inclusive, que se trata de um marcador reforçado pela prática docente em sala de aula, como afirma Judite: “tem muito professor que acaba fazendo piadinha de mau gosto, fica dando uma atenção aos meninos, acham eles mais inteligente e acho que também a própria família em si falando ‘ah, é um curso mais masculino’”. O trecho desvela os desafios de mulheres ocuparem espaços como a universidade, onde, ainda, o seu lugar de falar é, geralmente, limitado:

Quando você fala que vai fazer exatas, já é um choque e se é uma mulher, sempre falam, “cê tá doida”, é, “não é área para você.”. Então eu acho que tem muito isso, quando a escola não incentiva você a seguir com o que você deseja, eu acho que isso dificulta muitas a quererem seguir esse caminho, ou medo de chegar lá e estar sozinha, né? Porque a maioria vai ser homens e fica com aquele receio, antes mesmo de acontecer algo, já tem aquele meio internalizado da matéria (JUDITE).

Assim, o afastamento sistêmico de mulheres de cursos ditos ‘masculinos’, como os das Ciências Exatas, é resultado de um quadro mais amplo de opressões forjado desde a posição de poder de homens. Deve ser problematizado desde a superação de atitudes que reforçam as desigualdades de gênero estruturais na prática docente e no currículo. O papel docente, nesse sentido, é determinante, como argumenta Judite em sua entrevista: “os professores já falam logo que é uma área que é muito difícil ter doutor em Matemática pura, então eu já sinto que é mais pra homem, imagina eu no meio disso aí”. A linguagem ressalta e dimensiona diversas desigualdades que, na educação superior, ainda são a tônica de experiências vividas sobretudo por mulheres acadêmicas. Portanto, não há como deixar de interrogá-la.

No trecho “eu fico meia assim, por ser poucas mulheres, acabo duvidando da minha capacidade, de tipo, será que eu consigo mesmo chegar lá? Será que eu vou conseguir o meu espaço que eu quero?” Judite releva a insegurança que integra o cotidiano de mulheres que adentram não apenas o campo da Matemática, mas a universidade. Afinal é comum falas e contribuições femininas serem tomadas por de menor importância quando comparadas às dos homens. O papel social da universidade na superação de discursos e práticas gendrificadas deve ser demarcado a partir de um conjunto amplo de papéis. Afinal, a insegurança é, a priori, o sentimento que demarca a experiência de grupos vulneráveis em termos de gênero, na Educação

Superior, como reflete Judite: “Mesmo sentindo que alguns professores abraçam e incentivam, eu fico pensando, será que eles estão me incentivando mesmo, ou só tá falando pra não deixar do lado. Eu vou dizer que tô ajudando só pra não ficar sentir mal, tem essas questões também”.

Os marcadores de gênero mencionados não somente atravessam as vivências de graduandas(as). Professoras(es) que compõem os corpos docentes de cursos predominantemente masculinos são, igualmente, lidas(os) a partir de lentes gendrificadas que os situam na universidade. Os(as) entrevistados(as), muitas vezes, incorrem em perspectivas que são produtos de estereótipos. Micael, por exemplo, afirmou que “você consegue perceber drasticamente a diferença entre uma aula dada por uma mulher, a questão do carinho, do cuidado, essa questão dela saber e moldar com o assunto muito mais marcante do que com os homens”. A fala sugere que os professores homens geralmente adotam metodologias rígidas, fechadas e mais completas no ensino, ou ainda que “[...] como meu curso é basicamente predominado por homens, eu acredito que seja uma característica que vai perdurar muito tempo” (MICAEL), de modo que tais características situam em uma zona de menor rigor e valor científico a prática docente de mulheres.

Percebemos como as masculinidades ensejam uma identidade docente “séria”, em comparação à tendência de cuidado e afetiva própria das mulheres no magistério superior. O discurso ressalta o argumento de inferiorização da capacidade intelectual feminina: “Quando você comenta que sabe de Matemática, vai vir umas 500 pessoas tentar mostrar que você não sabe” (JUDITE). A entrevistada ainda menciona, em outro momento, sobre como a leitura equivocada – e marcada pelo gênero – é algo corriqueiro: “[...] os alunos acabam não respeitando tanto quando é uma professora mulher, principalmente na Matemática. Eu, quando fui substituta, senti muito isso na pele”. Barbosa (2016), nesse sentido, postula que a docência não foge às relações de gênero, que é culturalmente construída e posta às relações de poder que dicotomizam e hierarquizam noções de masculinidade e feminilidade, sobrevalorizando as primeiras, inclusive na universidade.

A análise acerca das limitações vividas por mulheres e que demarcam a condição de homens pelo critério desde a noção das masculinidades, quando relativas às desigualdades que afetam a comunidade LGBTQIAP+, evidenciam camadas de exclusão que complexificam, ainda mais, outros aspectos. São inúmeros os desafios para que esse grupo adentre e permaneça nos espaços universitários, em especial quanto aos cursos ligados às Ciências Exatas. Nesta pesquisa, ao entrevistarmos um homem trans matriculado no curso de Matemática, são

percebidas as violências interseccionais sofridas. A neutralização do gênero como natural e da heteronormatividade no espaço universitário e no curso demarcam a sua narrativa:

Assim, é meio triste porque eu sabia que a UPE, era bem inclusiva. Mas quando eu cheguei no curso de Matemática, eu achei que ia ter mais pessoas como eu, então ao observar os outros cursos a coisa é bem diferente. Teve um luau, um dia desse, eu vi que tinha tanta gente igual a mim, pensava, rapaz, aqui é cheio. Só que quando eu vejo no curso de Matemática, eu vejo tão pouco que me eu pergunto, tá todo mundo se escondendo alguma coisa? Ou então não tem mesmo (PAULO).

O trecho ressalta que, para pessoas LGBTQIAP+, a universidade não é um espaço de acolhimento e valorização da diferença (SCOTE; GARCIA, 2020). Enquanto único homem trans que frequenta o seu curso na instituição estudada, Paulo denota a inviabilização do grupo na Educação Superior e nas Ciências Exatas, aspecto também presente na fala de Judite:

Eu acho que é um curso que se for procurar um grupo LGBT, quase não vai encontrar, é muito difícil. Eu fiz as contas com meu amigo, acho que tem uns 5, no máximo. Fiquei realmente chocada porque, mesmo sabendo que é uma graduação que se volta para o masculino, mas eu vejo outros cursos em que percebo que tem mais pessoas LGBT, bem diferente do curso de Matemática, então eu fico perguntando o porquê que isso acontecem. Eu sei que tem aquela questão de teoria que diz que obviamente vai puxar mais por homem, mesmo assim é chocante (JUDITE).

As narrativas acima problematizam não apenas a condição formal e o direito ao acesso e à permanência na educação de nível superior, como comum a todas, *todes* e *todos*, mas também a violência que demarca a permanência. A discussão é enfatizada por Vargas Carneiro e Bridi (2022) ao referirem o ensino superior como pensado para públicos específicos e distante de grupos vulneráveis, tais como pessoas LGBTQIAP+. Estes, quando conseguem adentrar às universidades, se veem diante de contextos que desrespeitam suas existências e inviabilizam o direito de existir em plenitude. Assim como as desigualdades preexistem à formação superior, vê-se que permanecem ao longo e após o processo formativo, o gendrificam. Paulo pontua, sobre o assunto, que a escolha dos(as) profissionais não se dá de forma igualitária:

[...] tanto pela escola, como pelos pais dos alunos, pois sempre tem estudantes que quer olhar o Instagram do professor. Quer descobrir a vida dele e gosta de ficar comentando. Mesmo não tendo muita mesma interação dos alunos com a matemática, porque geralmente é número, mas os comentários são inevitáveis, como por exemplo, ah, ele é trans, ele não pode ensinar números para o meu filho (PAULO).

De certa maneira, a presença de mulheres e de pessoas LGBTQIAP+ na educação superior e na concorrência aos postos de trabalho é um fator que tenciona mudanças. Entretanto, é preciso estabelecer estratégias que viabilizem não só o acesso, mas a permanência e os processos formativos que antecedem tais etapas. As narrativas quanto às ações existentes na universidade, destinadas a superação dessas desigualdades, são um importante achado. Judite, por exemplo, afirma: “acho que seria muito importante, porque muitas pessoas iam gostar de estar aqui, desse meio, muitos deixam de estar por causa disso, eles precisam se sentir inclusos nesse meio”. Paulo também menciona: “no grupo do WhatsApp, quando o coordenador mandava algum aviso ele usava *todes*, nunca esperava que isso ia acontecer. Aí teve é a questão do nome social, porque se não tivesse isso no edital, eu acho que eu nunca estaria usando o nome social aqui, né?”.

Portanto, a organização de ações inclusivas quanto às questões de gênero, no âmbito da Educação Superior, deve permear as particularidades do tema e serem voltadas à mudança de crenças, valores e atitudes (BORTOLINI; VIANNA, 2022). A perspectiva de uma sociedade sem sexismo, machismo e homofobia, capaz de incluir as pessoas marginalizadas a partir da Educação Superior, deve implicar a própria universidade, descaracterizando perspectivas identitárias estereotipadas e dicotômicas.

Feminilidades e (outras) questões de gênero na Educação Superior

As reflexões mobilizadas nesta categoria analítica convergem com as desenvolvidas no item anterior no que se refere às construções socioculturais de gênero que significam a narrativa dos(as) entrevistados(as) e como são lidas por eles e elas. Assim como as masculinidades, as feminilidades são marcadores que, geralmente, são despercebidos, ainda que alimentados no cotidiano. O tema ‘feminilidades’, sobretudo nas narrativas de discentes dos cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia e do Bacharelado em Enfermagem, tradicionalmente lidos como “femininos”, evidenciam como a ideia de feminilidade hegemônica organiza diversas imagens e ações.

Brabo e Oriani (2013), sobre os modelos de feminilidade, afirmam ser construções que atravessam a educação e outras esferas sociais. São inúmeros mecanismos que naturalizam comportamentos sob a lógica binária. Na Pedagogia em especial, há grande predominância de mulheres na docência, pois, historicamente, foi assumida desde a ideia de cuidado, por retomar representações que aludem a determinadas funções vistas como de mulheres. O cuidar, o

contato afetivo, a aptidão de educar foram imposições naturalizadas às mulheres e constantemente associadas a uma tendência inata à docência.

Assim como a Pedagogia (CASTRO; REIS, 2017), a Enfermagem também tende a ser associada aos papéis sociais tidos como femininos (BANDEIRA; OLIVEIRA, 1998). A carga histórica da assistência social, da prestação de serviços domésticos, da exploração do cuidado maternal das amas de leite são argumentos que a constituem no imaginário social. Predomina a figura da enfermeira como materialização do cuidado básico em saúde – diferentemente do campo da Medicina, por exemplo, geralmente associada à capacidade intelectual dos homens.

Assim, ao questionar os(as) entrevistados(as) sobre como as formas de feminilidades estiveram e estão presentes em seus trajetos, muitos(as) partem do contexto familiar para situar a imagem de figuras femininas, a exemplo da presença constante das mães, das avós e das tias. Bento diz que: “eu sempre fui criado assim, numa família com, com a forte presença feminina, minha mãe, minha avó, minhas tias, sempre fui sempre tendi mais pro lado feminino”. Esse relato é também compartilhado por Micael: “eu morava com a minha mãe e morava com minha irmã, então a minha convivência era basicamente feminina” e por Bello “Eu sempre tive a minha avó comigo, que é sinônimo da mulher forte que lutou para criar os filhos dela, então eu me espelho bastante nela, né? Por ter lutado sozinha e ter feito o que fez até hoje”.

O fato de as figuras femininas serem, nesses relatos, valoradas positivamente e associadas à força, à garra e à persistência não é, no entanto, a tônica quando se trata da relação com a Educação Superior. Os vínculos familiares próximos firmados com as mulheres são reconhecidos como essenciais para a construção das subjetividades particulares de alguns/algumas dos(as) entrevistados(as), como João: “eu sempre me identifiquei muito mais com minha mãe, então eu acredito que boa parte da forma como eu sou hoje provém dessa relação muito próxima que eu tenho com ela”, mas não acompanham as imagens construídas sobre a universidade, como revelam as narrativas.

Quando se trata do território da formação em Pedagogia e da Enfermagem, as falas relacionadas às experiências dos(as) discentes, são narrativas marcadas pelos atributos das feminilidades que surgem em uma condição de subalternidade, como trata João:

[...] é um curso que normalmente a maioria é mulheres que se fazem presente ali. A minha sala mesmo, numa turma mais ou menos, aí uns 37 alunos. Eu acho que 7 são meninos e todos os professores que chegam se surpreendem com esse número que é relativamente baixo, mas ainda assim é alto para o curso de Pedagogia.

Diferentemente do curso de Matemática, no qual há a predominância de homens, o aspecto quantitativo ressaltado nas entrevistas alude a estereótipos de gênero lidos desde a imagem masculina, como aponta Bello: “a gente ainda vê muito menino matriculados em Pedagogia, só que nunca dá continuidade ao curso, sempre tem a questão da evasão. Eu acho que isso vem muito também na questão do preconceito, que é gritante em relação a tudo no curso, né”? O entrevistado dimensiona a Pedagogia em condição de menor prestígio social, por se tratar da educação de crianças e da baixa remuneração em comparação com outros cursos.

A resistência, por parte dos homens cis, a cursarem Pedagogia, portanto, é um marcador de gênero: “eu acredito que, estruturalmente, é a nossa sociedade, ela já faz com que o homem saia de casa para trabalhar e a mulher tenha esse papel de cuidar das crianças” (JOÃO). O dito reflete na estrutura heteronormativa que mantém majoritariamente as mulheres neste campo. Isso demarca o próprio cotidiano escolar e reforça discursos que impedem a presença de homens em salas de aula, na condição de pedagogos: “eu já escutei de gestor, dos próprios professores relatos de preconceitos com homens que se formam em Pedagogia” (HELENO).

O contexto é bastante similar quando se trata do Bacharelado em Enfermagem. As narrativas reunidas, quando explicam a presença feminina na Enfermagem, são construídas desde a naturalização deste lugar: “Eu vejo que é um curso que é amplamente feminino, né? Tem muitas mulheres nesse curso e é dominando por elas” (PEDRO LÚCIO). O aluno relatou uma experiência ocorrida em sua sala de aula e que nos ajuda a tecer reflexões sobre a significativa presença de mulheres na Enfermagem:

Tem até um exemplo real que aconteceu na minha sala, que no início tinham mais homens, assim que a gente chegou na universidade. E alguns deles tinham essa masculinidade viril, e sempre entravam em choque com as mulheres da turma. Só que é em muitos momentos, como eu disse, quando a mulher ganha a questão do poder de fala e do conhecimento, esses homens se sentiam acuados, como eles não agiam como eles queriam por conta da numerosidade feminina e desse poder de fala que elas tinham, eles acabavam enxergando que a argumentação vai muito mais além do que o gênero em si, em alguns momentos eles falavam por cima das mulheres, mas elas não deixavam. Eu não sei se foi por esse motivo, mas eles saíram do curso, foram cursar Enfermagem em outra faculdade, mas, tiveram esse embate logo de primeira, porque, pelo menos na minha sala em específico são as mulheres quem tem domínio, elas têm bastante voz e bastante propriedade no que falam (PEDRO LÚCIO).

O pressuposto heteronormativo, presente na Educação Superior, fortalece a masculinidade viril, conta com o apoio da própria instituição e age para reforçar mecanismos de poder. No caso da Enfermagem, são comuns discursos que aproximam estereótipos de

gênero e de sexualidade a fim de torná-la espaço distante do universo masculino da Medicina, por exemplo. Miguel narra: “o meu curso é predominantemente por mulheres, e sinto que até os profissionais, os processos sempre questionam a sexualidade de homens que estão participando do curso ou até o enfermeiro”. Ao mesmo tempo, ressalta: “é um curso bastante formado por mulheres, na minha sala eu acho que tem somente seis homens e, desses, nem todos são héteros” (MIGUEL).

Os espaços de formação, portanto, reorganizam os estereótipos relacionados à expectativa de profissão – ser enfermeira – enquanto bondosa, dedicada, carinhosa, obediente, servil. O papel social de subordinação é reservado para as mulheres também neste espaço de formação. O fazer profissional nos cursos estudados acaba por reproduzir atividades da vida privada. Assim, não podemos deixar de considerar a influência dos papéis de gênero para distintos campos do conhecimento e para a formação profissional de diferentes sujeitos (PINTO; CARVALHO; RABAY, 2017).

Mesmo que a Pedagogia e a Enfermagem sejam cursos onde predomina a presença de mulheres, os homens entrevistados relataram sentirem-se acolhidos nesses espaços, o que não é visto em sentido oposto, como já analisado. Bento pontua que: “[...] minhas amigadas aqui também sempre foram com as mulheres. Uma vez ou outra tem algum menino, mas sempre o feminino teve mais presente comigo”. De maneira semelhante, Micael reconhece a importância de mulheres na universidade: “[...] eu acredito que as amigadas que eu tenho conversas são a grande maioria femininas, já que eu tenho mais facilidade em conversar com elas. Eu não sei, mas a minha facilidade de conversar com elas é muito maior”.

Os motivos que levaram as pessoas entrevistadas a optarem pelos seus cursos também auxiliam a expandir a produção em questão. Enquanto uns apontaram para o acaso e ao inesperado como fatores, a exemplo de Bento (“foi bem do nada, bem inesperado”), outros creditaram à família a influência: “[...] Eu venho de uma família que todo mundo é professor, desde a minha mãe, as minhas primas, é mais do lado feminino, né? Dos homens eu acho que tenho um primo que é professor”, contou Uelder. Para Bello, não foi diferente: “eu venho de uma família de professores, então desde pequeno eu já tinha referência de tias e, logo em seguida, de primas mais velhas e já veio, de certa forma, essa influência e essa paixão”.

Existe uma grande preocupação quanto à inserção no mercado de trabalho. A depender das profissões e graduações escolhidas, no entanto, vemos que diferentes aspectos estão presentes. Embora os cursos de Pedagogia e de Enfermagem aludam diretamente às mulheres

pelos exigências da feminilidade, tal marcador afeta a opção de homens – e, em especial, aos homens cis – que optam por seguir esses campos.

Assim, algumas narrativas remetem à igualdade e às oportunidades de empregos nas escolas, para os de Pedagogia, e nos setores da saúde, para futuros enfermeiros. As respostas convergiram, sempre, para a negativa. Tomamos como referência a fala de João, que afirmou: “ao procurar emprego, a gente vê muito preconceito, porque os próprios pais dos alunos não aceitam que a gente esteja em sala de aula por ser homem, sabe? Tipo, como que você vai lidar, por exemplo, como que um homem vai lidar com a minha filha se ela quiser ir no banheiro”. O mesmo entrevistado ainda menciona que:

Eu já ouvi relatos de amigos meus que foram para entrevistas de emprego em um mesmo lugar e tinham 4 concorrentes para 4 vagas. E aí, de onde 3 eram mulheres e uma era o meu amigo e ele não passou. Mesmo tendo as 4 vagas, as 3 meninas ficaram, ele participou normalmente, não teve nenhum comentário direto com ele, mas ele sentiu que ele não ficou unicamente porque era uma turma, eu acredito que de Infantil I e por ele ser homem e gay claramente por ele ser afeminado, isso meio que repercutiu para a escola algo negativo, principalmente por ser particular (JOÃO).

No caso da Pedagogia são múltiplos os discursos que expressam o estigma social oriundo de papéis de gênero, inerentes à formação e ao fazer profissional: “No mercado de trabalho, necessita de uma certa delicadeza, de uma certa autonomia do professor a partir de como fazer com essas relações, de cuidar de crianças a partir de desde muito cedo” (UELDER). O cuidado, portanto, sempre é atrelado à figura feminina.

As relações de gênero, na formação em Enfermagem, remetem, comumente, ao mercado de trabalho. As respostas referem-se à presença massiva das mulheres: “[...] eu acabei deixando de fazer alguns procedimentos por elas acharem que eu teria um ponto de vista diferente de outras mulheres que estavam no serviço. [...] Ultimamente estava em práticas e pude perceber isso, vi como as pessoas confiam nas mulheres” (MIGUEL). A narrativa dimensiona como a posição de mulheres organiza o campo em questão e para além dele, como sugere Bento: “eu nunca percebi nada, nem no sentido positivo, nem negativo. Nunca foi um local que deixasse claro que tá de portas abertas, mas também nunca disse que não aceita, né?”.

Nesse sentido, pensar os aspectos relacionados a esses dois campos do saber ainda se mostra importante, com o intuito de desconstituir – e de revelar, considerando a permanência simbólica não tão facilmente percebida – narrativas, discursos e representações que constroem estereótipos gendrificadas que se utilizam de estereótipos relacionados à feminilidade hegemônica. Na universidade estudada vemos que as mudanças têm ocorrido de maneira

tímida, o que alude à necessidade de fortalecer as possibilidades de reflexão, acesso e permanência a grupos vulneráveis, o que, certamente, garantirá a maior pluralidade no Ensino Superior e no mercado de trabalho (SIMÕES; CARDOSO; SILVA, 2022).

A universidade carece sistematizar instâncias e ações que possibilitem o encontro com as diversas formas e expressões que o gênero assume (SANTOS, 2014). Dessa maneira, preconceitos e discriminações poderão ser transformados, explícita ou silenciosamente, em oportunidades. E, de tal modo, o acesso, a permanência e ascensão social e educacional de pessoas LGBTQIAP+ e de mulheres é, particularmente, um processo que incidirá positivamente nesta dinâmica.

Considerações finais

As narrativas recuperaram experiências dos(as) participantes e que influenciam a forma como as questões de gênero são concebidas por eles(as) no âmbito da educação superior. O gênero atravessa as mais diferentes percepções, assim como o modo de ver a instituição de ensino e os espaços de poder nela mantidos. Mostram a sutil apropriação de corpos, comportamentos e das subjetividades. Ressaltaram que o sistema de Educação Superior carrega resquícios de uma herança de caráter sexista que organiza as pessoas pelos gêneros arbitrariamente atribuídos a elas e que, nessa condição, invisibilizam e subalternizam sobretudo mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

A masculinidade, enquanto marcador de gênero, a partir dos discursos naturalizantes, atribui a homens o lugar de superioridade e os concede privilégios. Na educação superior isso também é expresso quando lhes são agregados aspectos que reforçam a organização dicotômica dos campos do saber como: as Humanidades destinadas a elas, as Ciências Exatas a serem ocupadas por eles. As narrativas construídas pelos(as) participantes da pesquisa e tecidas neste estudo demonstram como o contexto sociocultural influencia, igualmente, em suas vidas e limita as possibilidades ligadas a formação em curso. As expressões da masculinidade apresentadas pelos(as) entrevistados(as) são fruto de construções ligadas ao meio familiar e expandidas na universidade. O curso de Matemática destaca-se quanto à correlação com aspectos masculinos, pela presença de homens – discentes e docentes – cis e heterossexuais.

Acerca das feminilidades, vê-se que também são fruto de construções sociais e do modelo binário de gênero vivenciado socialmente e na universidade pelos(as) entrevistados(as). Os sentidos mobilizados sobre o assunto, de modo amplo, remetem a aspectos que, quase

sempre, são imagens pessoais que acompanham os(as) entrevistados(as) no cotidiano. No entanto, reforçam estereótipos associados à condição – dita nata – de protetora, cuidadora, afetiva que, historicamente, é relacionada à posição feminina, inclusive na universidade. Nas narrativas são perceptíveis as relações afetivas travadas no interior da universidade que são, geralmente, valoradas positivamente quando se trata da figura de mulheres.

Quando se trata dos cursos de Matemática, Enfermagem e de Pedagogia, objeto de análise deste estudo, o primeiro é lido sob os contornos da masculinidade hegemônica, como um espaço marcado pela virilidade e racionalidade; os dois últimos são fortemente marcados, por sua vez, por estereótipos de menor prestígio pertinentes às feminilidades e são, em sua maioria, significados desde o lugar de subalternidade ou disponibilidade das mulheres.

Concluimos, assim, que o Ensino Superior ofertado na instituição analisada é marcado, na visão das pessoas entrevistadas, por múltiplas e sutis formas de desigualdade que estão presentes desde as práticas docentes e atravessam o currículo, formando o imaginário que permeia as graduações estudadas. A defesa de uma concepção neutra sobre questões de gênero, segundo as narrativas sistematizadas, reforça a imagem de um processo formativo alheio à diversidade e à diferença. As narrativas dos(as) entrevistados(as) apontam, ainda, para a universidade como um lugar marcado por relações assimétricas de gênero, desde as dinâmicas pessoais até a abordagem e perspectiva institucional sobre o tema. Por fim, desvelam importantes sentidos sobre a dicotomia masculino/feminino, os quais veem a universidade como um ambiente responsável pela reprodução de padrões hegemônicos de gênero nos cursos em questão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. J. V. **Masculinidades na cultura escolas dos cursos de Licenciatura em Pedagogia de instituições públicas e privadas de Teresina-PI**. 2017. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
- ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, M. A. D. S.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, p. 130-142, 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- BANDEIRA, L.; OLIVEIRA, E. M. Representações de gênero e moralidade na prática profissional da Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 51, n. 4, p. 677-696, out./dez. 1998. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/tzSWPrNwYZcjhCZncXjFqk/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2022.

BARBOSA, L. A. L. Masculinidades, feminilidades e educação matemática: análise de gênero sob ótica discursiva de docentes matemáticos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 697-712, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8qDbYyF3Pph7fVmL6DY58Pw/?lang=pt>. Acesso em: 8 jan. 2023.

BORTOLINI, A.; VIANNA, C. P. Política de educação em gênero e diversidade sexual: Histórico e presente da experiência brasileira. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 3, p. 2215–2234, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16691>. Acesso em: 1 fev. 2023.

BRABO, T. S. A. M.; ORIANI, V. P. Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. **Educação Unisinos**, v. 17, n. 2, p. 145-154, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2013.172.07>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARDOSO, F. S.; CARVALHO, M. F. Questões teórico-epistemológicas à pesquisa social contemporânea: o pesquisador, o ator social e outros aspectos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 17, n. 30, p. 36-50, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1307>. Acesso em: 02 fev. 2023.

CASTRO, R. P.; REIS, N. Romper binários de gênero e sexualidade: ensaiar uma educação não-binária. **MARGENS – Revista Interdisciplinar**, v. 11, n. 17, p. 108-124, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/5437>. Acesso em: 18 jan. 2023.

FERNANDES, M. C. V. **A inserção e vivência da mulher na docência de Matemática: uma questão de gênero**. 2006. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GUEDES, M. C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 117-132, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tPvR4dWz5GzGCgn4c6GCZHp/?lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2023.

LIMA, F. I. et al. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818/7004>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; UFOP, 2013.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

PEREIRA, F. G. **Homens no curso de Pedagogia**: “as razões no improvável”. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PERES, W. S. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na escola**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2009.

PINTO, É. J. S.; CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 47-58, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/6173>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SANTOS, M. B. A participação das mulheres no ensino superior. **Revista Três Pontos**, v. 11, n. 11, p. 47-59, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3276>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SCOTE, F. D.; GARCIA, M. R. V. Trans-formando a universidade: um estudo sobre o acesso e a permanência de pessoas Trans no Ensino Superior. **Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 1-25, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e65334>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SIMÕES, H. C. G. Q.; CARDOSO, F. S.; SILVA, A. M. M. Educação em direitos humanos, formação de sujeitos de direito e dignidade humana: fundamentos teóricos, epistêmicos e políticos. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 31, n. 01, p. 116-134, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13660>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SOUZA, J. H. As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 1, p. 5-10, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/16529/13006>. Acesso em: 1 fev. 2023.

VARGAS CARNEIRO, L. A.; BRIDI, F. R. S. Políticas públicas de ensino superior no Brasil: um olhar sobre o acesso e a inclusão social. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 146–158, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12059/8802>. Acesso em: 1 fev. 2023.

ZARBATO, J. A. M.; MARTINS, L. S. Ensino superior e o empoderamento feminino: Percursos possíveis em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 2, p. 1132–1149, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16985>. Acesso em: 1 fev. 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: À Universidade de Pernambuco e aos participantes da pesquisa.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Conflitos de interesse: Não há conflito de interesse.

Aprovação ética: CAAE nº 56662921.4.0000.0128, Comitê de Ética em Pesquisa do Multicampi - Universidade de Pernambuco.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Todos os autores contribuíram com a redação do texto, análise e interpretação dos dados e revisão técnica.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

